

# O LIVRO DE URANTIA

---

Pág. 1455

---

## DOCUMENTO 132

### A PERMANÊNCIA EM ROMA

Posto que Gonod trazia saudações dos príncipes da Índia para Tibério, o governante romano, ao terceiro dia depois da sua chegada em Roma, os dois indianos e Jesus apareceram diante dele. O taciturno imperador estava inusitadamente alegre nesse dia e conversou longamente com os três. E, quando eles tinham saído da sua presença, o imperador, referindo-se a Jesus, observou para o ajudante de pé à sua direita: “Se eu tivesse essa sua postura de rei e as maneiras graciosas dele, eu seria um imperador de fato, não é?”

Enquanto estava em Roma, Ganid tinha horas regulares para o estudo e para visitar os lugares de interesse pela cidade. O seu pai tinha muitos negócios para desenvolver e, desejando que o seu filho crescesse para tornar-se um sucessor digno na administração dos seus vastos interesses comerciais, ele julgou chegada a hora de apresentar o rapaz ao mundo dos negócios. Havia muitos cidadãos da Índia em Roma e, freqüentemente, um dos próprios empregados de Gonod acompanhá-lo-ia como intérprete, de modo que Jesus tinha dias inteiros para si próprio; isso deu a ele tempo para conhecer profundamente essa cidade de dois milhões de habitantes. Ele era encontrado freqüentemente no foro, o centro da vida política, legal e dos negócios. Muitas vezes ele ia ao Capitólio e ponderava sobre a servidão da ignorância, na qual os romanos eram mantidos, e ao mesmo tempo contemplava esse magnífico templo dedicado a Júpiter, Juno e Minerva. Ele também passava muito tempo no monte Palatino, onde estavam localizados a residência do imperador, o templo de Apolo e as bibliotecas grega e latina.

Nessa época, o império romano incluía todo o sul da Europa, a Ásia Menor, a Síria, o Egito e o noroeste da África; e os seus habitantes abrangiam os cidadãos de todos os países do

Hemisfério Oriental. O seu desejo de estudar e de imiscuir-se nessa agregação cosmopolita dos mortais de Urântia, era a razão principal pela qual Jesus tinha consentido em fazer essa viagem.

Jesus aprendeu muito sobre os homens enquanto estava em Roma, mas a mais valiosa de todas as múltiplas experiências da sua permanência de seis meses naquela cidade foi o seu contato com os líderes religiosos da capital do império, e a influência que teve sobre eles. Antes do fim da primeira semana em Roma, Jesus tinha procurado e conhecido os líderes mais qualificados dos cínicos, dos estóicos e dos cultos dos mistérios, em particular o grupo mitraico. Fosse ou não visível para Jesus que os judeus iriam rejeitar a sua missão, ele muito certamente previu que os seus mensageiros deviam em breve vir a Roma para proclamar o Reino do céu; e, pois, ele se pôs, da maneira mais surpreendente, a preparar o caminho para a melhor e mais segura recepção da sua mensagem. E escolheu cinco dos líderes estóicos, onze dos cínicos e dezesseis dos líderes dos cultos dos mistérios e

---

Pág. 1456

---

passou grande parte do tempo que lhe sobrava, durante quase seis meses, em contato estreito com esses instrutores religiosos. E esse foi o seu método de instrução: nunca, uma vez sequer ele atacou os erros, nem mesmo mencionou as imperfeições dos ensinamentos deles. Em cada caso, ele selecionaria a verdade dentro do que eles ensinavam e então trabalharia como que para dar beleza e para iluminar essa verdade nas mentes deles, de um tal modo que, em um tempo muito curto, essa elevação da verdade efetivamente expulsava os erros anteriores; e, assim, foram esses homens e mulheres, ensinados por Jesus, preparados para o reconhecimento subsequente de verdades similares e adicionais nos ensinamentos dos primeiros missionários cristãos. Foi essa pronta aceitação dos ensinamentos dos pregadores do evangelho que deu aquela impulsão poderosa para a difusão rápida do cristianismo em Roma e dali para todo o império.

O significado desse feito notável pode ser mais bem compreendido ao reportarmos-nos ao fato de que, desse grupo de trinta e dois líderes religiosos, instruídos por Jesus, em Roma, apenas dois não deram frutos; trinta deles tornaram-se indivíduos fundamentais para a implantação do cristianismo em Roma, e alguns deles colaboraram também para transformar o principal templo mitraico na primeira igreja cristã daquela cidade. Nós, que observamos as atividades humanas por detrás das cenas, e à luz de dezenove séculos de tempo, reconhecemos apenas três fatores como sendo de valor supremo para o pronto estabelecimento do cenário para a disseminação rápida do cristianismo por toda Europa, e esses são:

1. A escolha e a sustentação de Simão Pedro como apóstolo.

2. A conversa, em Jerusalém, com Estêvão, cuja morte levou à conversão de Saulo de Tarso.
3. A preparação preliminar desses trinta romanos para a subsequente liderança da nova religião em Roma e em todo o império.

Durante todas as suas experiências, nem Estêvão nem os trinta escolhidos jamais se deram conta de que tinham certa vez falado com o homem cujo nome se tornou o tema dos seus ensinamentos religiosos. A obra de Jesus junto a esses trinta e dois escolhidos, originalmente, foi inteiramente pessoal. Nos seus trabalhos para com esses indivíduos o Escriba de Damasco nunca se encontrou com mais do que três de uma só vez, raramente com mais do que dois, e mais frequentemente ele os instruía individualmente. E ele podia fazer esse grande trabalho de aperfeiçoamento religioso porque esses homens e mulheres não eram presos às tradições; eles não eram vítimas de preconceitos estabelecidos quanto aos desenvolvimentos religiosos futuros.

Muitas foram as vezes nos anos que logo se seguiram, nos quais Pedro, Paulo e os outros instrutores cristãos em Roma ouviram sobre esse Escriba de Damasco, que os tinha precedido e que tinha tão obviamente (e, não propositadamente, como eles supunham) preparado o caminho para a vinda deles com o novo evangelho. Embora Paulo nunca realmente tenha suspeitado da identidade desse Escriba de Damasco, pouco tempo antes da sua morte, e por causa da semelhança de algumas descrições pessoais, ele chegou à conclusão de que “o fazedor de tendas da Antióquia” era também o “Escriba de Damasco”. Numa ocasião, enquanto pregava em Roma, Simão Pedro, ao ouvir uma descrição do Escriba de Damasco, conjecturou que esse indivíduo poderia ter sido Jesus, mas rapidamente descartou a idéia, sabendo muito bem (assim ele pensou) que o Mestre nunca tinha estado em Roma.

## **1. OS VALORES VERDADEIROS**

Foi com Angamon, o líder dos estóicos, que Jesus teve uma conversa de uma noite inteira, nos primeiros dias da sua estada em Roma. Esse homem subsequentemente tornou-se um grande

---

Pág. 1457

---

amigo de Paulo e acabou sendo um dos fortes sustentáculos da igreja cristã em Roma. Em essência, e restaurado em frases modernas, eis o que Jesus ensinou a Angamon:

O critério para os verdadeiros valores deve ser buscado no mundo espiritual e nos níveis divinos da realidade eterna. Para um mortal ascendente, todos os padrões inferiores e materiais devem ser reconhecidos como transitórios, parciais e inferiores. O cientista, como

tal, está limitado à descoberta da relação entre os fatos materiais. Enquanto cientista, ele não tem o direito de asseverar ser nem materialista nem idealista. Se fizer uma tal escolha, ele estará abandonando a sua posição de cientista verdadeiro; pois qualquer atitude de afirmação assim só cabe à essência mesma da filosofia.

A menos que o discernimento moral e o nível da realização espiritual da humanidade sejam elevados proporcionalmente, o avanço ilimitado de uma cultura puramente materialista pode, afinal, tornar-se uma ameaça para a civilização. Uma ciência puramente materialista abriga, dentro de si mesma, a semente potencial da destruição de todo o esforço científico, pois essa mesma atitude pressagia o colapso final de uma civilização que teria abandonado o seu senso de valores morais e que teria repudiado a sua meta de alcance na realização espiritual.

O cientista materialista e o idealista extremista estão destinados sempre a estar em extremos opostos. Isso não é verdade para aqueles cientistas e idealistas que estão de posse de um padrão comungado de altos valores morais e de um alto nível de comprovação espiritual. Em todas as épocas, os cientistas e os religiosos devem reconhecer que eles são postos à prova perante o tribunal da necessidade humana. Eles devem abster-se de todo guerrear entre si próprios, enquanto lutam valentes para justificar a sua sobrevivência contínua por meio de uma elevada devoção a serviço do progredir humano. Se a chamada ciência ou a religião de qualquer época é falsa, então ela ou deve purificar as suas atividades ou então desaparecerá diante do surgimento de uma ciência material ou de uma religião espiritual de uma ordem mais verdadeira e mais condigna.

Mardus era o líder reconhecido dos cínicos de Roma, e tornou-se um grande amigo do Escriba de Damasco. Dia após dia, conversava ele com Jesus e, noite após noite, ele escutava os seus ensinamentos supernos. Entre as mais importantes argumentações com Mardus estava aquela destinada a responder à pergunta desse sincero cínico sobre o bem e o mal. Na linguagem deste século, em essência, eis o que Jesus disse:

Meu irmão, o bem e o mal são meramente palavras que simbolizam níveis relativos da compreensão humana do universo observável. Se tu és eticamente ocioso e socialmente indiferente, tu podes tomar como o teu padrão de bem tudo o que é do uso social corrente. Se tu és espiritualmente indolente e se não tens aspirações de progresso moral, tu podes tomar como padrões do bem as práticas religiosas e as tradições dos teus contemporâneos. Mas a alma que sobrevive no tempo e que emerge para a eternidade deve fazer uma escolha viva e pessoal entre o bem e o mal, tal como eles são determinados pelos valores verdadeiros dos padrões espirituais estabelecidos pelo espírito divino, que o Pai nos céus enviou para residir dentro do coração do homem. Esse espírito residente é o padrão da sobrevivência da personalidade.

A bondade, como a verdade, é sempre relativa e, infalivelmente, contrasta com o mal. É a percepção dessas qualidades de bondade e de verdade que capacita as almas

em evolução dos homens a tomar aquelas decisões pessoais cujas escolhas são essenciais para a sobrevivência eterna.

O indivíduo espiritualmente cego, que logicamente segue os ditames científicos, o uso social e o dogma religioso, permanece no grave perigo de sacrificar a sua liberdade moral e de perder a sua liberdade espiritual. Tal alma está destinada a tornar-se um papagaio intelectual, um autômato social e um escravo da autoridade religiosa.

A bondade está sempre ascendendo a novos níveis de liberdade crescente, de auto-realização moral e de realização da personalidade espiritual – a descoberta do Ajustador residente e a identificação com ele. Uma experiência é boa quando ela eleva a apreciação da beleza, aumenta a vontade moral, realça o discernimento da verdade, amplia a capacidade de amar e servir aos semelhantes, exalta os ideais espirituais e unifica os motivos humanos supremos, no tempo, com os planos eternos do Ajustador residente, todos os quais conduzem diretamente a um desejo maior de fazer a vontade do Pai, e isso nutre a paixão divina de encontrar Deus e de ser mais como Ele.

À medida que vós ascenderdes na escala do desenvolvimento da criatura no universo, vós encontrareis uma bondade crescente e uma diminuição do mal, em perfeita concordância com a vossa capacidade para a experiência da bondade e o discernimento da verdade. A capacidade de manter o erro ou de experimentar o mal não ficará totalmente perdida, até que a alma humana ascendente alcance níveis espirituais finais.

A bondade é viva, relativa, sempre em progressão, uma experiência invariavelmente pessoal e eternamente correlacionada ao discernimento da verdade e da beleza. A bondade é encontrada no reconhecimento dos valores positivos da verdade, no nível espiritual, que devem, na experiência humana, se contrastar com a sua contraparte negativa – as sombras do mal potencial.

Enquanto não alcançardes os níveis do Paraíso, a bondade será sempre mais uma busca do que uma posse, mais uma meta do que uma experiência de realização. No entanto, tendo vós fome e sede da retidão, vós experimentais uma satisfação crescente em alcançar parcialmente a bondade. A presença da bondade e do mal no mundo é, em si mesma, uma prova evidente da existência e da realidade da vontade moral do homem, da personalidade, que assim identifica esses valores e é também capaz de escolher entre eles.

À época em que o mortal ascendente alcançar o Paraíso, a sua capacidade para identificar o eu com os verdadeiros valores do espírito ter-se-á tornado tão ampliada que resultará na realização da perfeição na posse da luz da vida. Tal personalidade espiritual, assim

aperfeiçoada, torna-se tão integral, divina e espiritualmente unificada com as qualidades positivas e supremas de bondade, de beleza e verdade, que não resta nenhuma possibilidade de que tal espírito reto possa projetar qualquer sombra negativa de mal potencial quando exposto à luminosidade penetrante da luz divina dos Soberanos infinitos do Paraíso. Em todas essas personalidades espirituais, a bondade não mais é parcial, contrastante e comparativa; ela tornou-se divinamente completa e espiritualmente suficiente; ela aproxima-se da pureza e da perfeição do Supremo.

Para haver a escolha moral, a *possibilidade* do mal é necessária, mas não a realidade do mal. Uma sombra é apenas relativamente real. O mal real não é necessário como uma experiência pessoal. O mal potencial atua igualmente bem, como um estímulo para a decisão, nos domínios de progressão moral e nos níveis inferiores do desenvolvimento espiritual. O mal se transforma em uma realidade da experiência pessoal, apenas quando uma mente moral faz dele a sua escolha.

---

Pág. 1459

---

### **3. A VERDADE E A FÉ**

Nabon era um judeu grego e o primeiro entre os líderes do principal culto dos mistérios em Roma, o mitraico. Ainda que esse alto sacerdote do mitraísmo tenha tido muitas conferências com o Escriba de Damasco, ele foi influenciado de um modo mais permanente pela conversa que eles tiveram, certa noite, sobre a verdade e a fé. Nabon tinha pensado em fazer de Jesus um convertido e chegou mesmo a sugerir que ele retornasse à Palestina como um instrutor mitraico. Ele mal percebera que Jesus o estava preparando para transformar-se em um dos primeiros convertidos ao evangelho do Reino. E, reformulada em uma maneira moderna de dizer, a essência do ensinamento de Jesus é a seguinte:

A verdade não pode ser definida com palavras, apenas vivendo-a. Verdade é sempre mais do que conhecimento. O conhecimento é pertinente às coisas observadas, mas, a verdade transcende esses níveis puramente materiais, no sentido em que ela se harmoniza com a sabedoria e abrange coisas imponderáveis tais como a experiência humana e, mesmo, a realidade espiritual e viva. O conhecimento tem origem na ciência; a sabedoria, na verdadeira filosofia; a verdade, na experiência religiosa da vida espiritual. O conhecimento lida com os fatos; a sabedoria, com as relações; a verdade, com os valores da realidade.

O homem tende a cristalizar a ciência, a formular a filosofia e a dogmatizar a verdade, porque ele é mentalmente preguiçoso para ajustar-se às lutas progressivas da vida, e ao mesmo tempo ele tem também um medo terrível do desconhecido. O homem natural é lento para dar início às mudanças dos seus hábitos de pensar e das suas técnicas de viver.

A verdade revelada, a verdade pessoalmente descoberta, é o supremo deleite da alma humana; é a criação conjunta da mente material e do espírito residente. A salvação eterna para essa alma que discerne a verdade e que ama a beleza fica assegurada por aquela fome e sede de bondade, que leva esse mortal a desenvolver uma unicidade no propósito de fazer a vontade do Pai, de encontrar Deus e de tornar-se como Ele. Nunca há conflito entre o verdadeiro conhecimento e a verdade. Pode haver conflito entre o conhecimento e as crenças humanas, crenças matizadas pelo preconceito, distorcidas pelo medo e dominadas pelo pavor de encarar os fatos novos da descoberta material ou do progresso espiritual.

A verdade, contudo, nunca pode tornar-se uma posse do homem sem o exercício da fé. E isso é verdade porque os pensamentos, a sabedoria, a ética e os ideais do homem nunca se elevarão mais alto do que a sua fé, a sua esperança sublime. E toda essa fé verdadeira é baseada na reflexão profunda, na autocrítica sincera e na consciência moral descomprometida. A fé é a inspiração da imaginação criativa impregnada pelo espírito.

A fé atua no sentido de liberar as atividades supra-humanas na chama divina, o germe imortal que vive dentro da mente do homem, e que é o potencial da sobrevivência eterna. As plantas e os animais sobrevivem no tempo pela técnica de passar, de uma geração a outra, partículas idênticas de si próprios. A alma (a personalidade) do homem sobrevive à morte do corpo pela associação de identidade com essa chama residente de divindade, que é imortal e que funciona para perpetuar a personalidade humana em um nível de continuidade mais elevado da existência em progressão no universo. A semente oculta, da alma humana, é um espírito imortal. A segunda geração da alma é a primeira de uma sucessão de manifestações da personalidade, de existências espirituais e progressivas, terminando apenas quando essa entidade divina alcança a fonte da sua existência, a fonte pessoal de toda a existência, Deus, o Pai Universal.

A vida humana continua – sobrevive – porque tem uma função no universo: a missão de encontrar a Deus. A alma do homem, ativada pela fé, não pode parar antes de atingir

---

Pág. 1460

---

essa meta de destino; e, uma vez atingida essa meta divina, a alma não pode jamais acabar porque se terá tornado como Deus – eterna.

A evolução espiritual é uma experiência de escolha crescente e voluntária da bondade, acompanhada de uma diminuição igual e progressiva da possibilidade do mal. Com a realização da finalidade da escolha pela bondade e por uma completa capacidade para a apreciação da verdade, vem à existência uma perfeição de beleza e de santidade cuja retidão inibe eternamente a possibilidade da emergência até mesmo do conceito do mal

potencial. Essa alma conhecedora de Deus não projeta nenhuma sombra de dúvida do mal, quando funcionando em um nível tão elevado de bondade divina.

A presença do espírito do Paraíso na mente do homem constitui a promessa de revelação e a promessa de fé de uma existência eterna de progressão divina para toda alma que busca encontrar a identidade com o espírito imortal residente, o fragmento do Pai Universal.

A característica do progredir no universo é a liberdade cada vez maior da personalidade, porque a liberdade está associada ao alcance de níveis progressivos cada vez mais elevados da autocompreensão, bem como da auto-restrição voluntária conseqüente. O alcançar da perfeição, na auto-restrição espiritual, iguala-se ao completar da liberdade no universo e à libertação pessoal. A fé encoraja e mantém a alma em meio à confusão dessa orientação inicial, em um universo tão vasto, enquanto a prece transforma-se na grande unificadora das várias inspirações da imaginação criativa e dos impulsos dados pela fé, dentro de uma alma que tenta identificar-se com os ideais do espírito da presença divina residente e solidária.

Nabon ficou bastante bem impressionado com essas palavras, como estivera, no mais, com todas as conversas que tinha tido com Jesus. Essas verdades continuaram a queimar dentro do seu coração e ele foi de muita ajuda para os pregadores do evangelho de Jesus, que chegaram posteriormente.

#### **4. A MINISTRAÇÃO PESSOAL**

Enquanto estava em Roma, Jesus não devotou todo o seu lazer ao trabalho de preparar homens e mulheres para tornarem-se os futuros discípulos do Reino que estava para vir. Grande parte do tempo ele o gastou para ganhar um conhecimento aprofundado de todas as raças e classes de homens que viviam nesta que era a maior e a mais cosmopolita cidade do mundo. Em cada um desses numerosos contatos humanos, Jesus tinha um duplo propósito: desejava conhecer as reações deles à vida que estavam vivendo na carne e estava também com a mente pronta a dizer ou fazer algo que tornasse tal vida mais rica e mais digna de ser vivida. Os seus ensinamentos religiosos, durante essas semanas, não foram diferentes daqueles que caracterizaram a sua vida posterior, como instrutor dos doze e pregador das multidões.

A ênfase da sua mensagem era: o fato do amor do Pai celeste e a verdade da misericórdia Dele, combinados com as boas-novas de que o homem é um filho de fé desse mesmo Deus de amor. A tática usual de Jesus para o contato social era levar as pessoas a conversar com ele, fazendo perguntas a elas. A entrevista começava, via de regra, com ele fazendo perguntas aos semelhantes, e terminava com eles fazendo perguntas a Jesus. Ele era adepto igualmente de ensinar, fosse perguntando, fosse respondendo perguntas. Via de regra, aos que ele ensinava mais, ele tinha dito o mínimo. Aqueles que retiravam um benefício maior da sua ministração pessoal eram os mortais sobrecarregados, ansiosos e tristes que sentiam

muito alívio com a oportunidade de descarregar as suas almas sobre um ouvinte simpático e compreensivo, e ele era

---

Pág. 1461

---

tudo isso e mais. E, quando tais seres humanos desajustados tinham contado a Jesus sobre os seus problemas, ele era sempre capaz de oferecer sugestões práticas e de socorro rápido, visando a correção das reais dificuldades deles, sem esquecer-se da palavra de verdadeiro conforto e de consolo imediato. E, invariavelmente, ele falava a esses mortais angustiados sobre o amor de Deus e lhes concedia, por vários métodos, informar-lhes que eles eram filhos desse Pai do céu, pleno de amor.

Desse modo, durante a permanência em Roma, Jesus pessoalmente teve um contato de afeição e de elevação com mais de quinhentos mortais do reino. Assim, ganhava um conhecimento das diferentes raças da humanidade, que nunca teria adquirido em Jerusalém e mesmo dificilmente em Alexandria. Ele sempre considerou esses seis meses como um período dos mais ricos e mais cheios de informações, entre todos os períodos semelhantes da sua vida terrena.

Como poderia ser esperado, um homem tão versátil e ativo não poderia atuar assim por seis meses, na metrópole do mundo, sem ser abordado por numerosas pessoas que desejavam assegurar os seus serviços para certos assuntos ou, mais freqüentemente, para algum projeto de ensino, de uma reforma social ou de um movimento religioso. Ele recebeu mais de uma dúzia de propostas dessa ordem, e utilizou cada uma como uma oportunidade para transmitir algum pensamento de enobrecimento espiritual por intermédio de palavras bem escolhidas ou pela prestação de algum serviço. Jesus gostava bastante de fazer coisas – ainda que fossem pequenas – para todas as espécies de pessoas.

Ele conversou com um senador romano sobre a política e os assuntos do estado, e esse contato com Jesus causou uma tal impressão nesse legislador que este passou o resto da sua vida tentando, em vão, induzir os seus colegas a mudar o curso da política em vigor, da idéia do governo sustentando e alimentando o povo, para aquela do povo sustentando o governo. Jesus passou uma noite com um abastado dono de escravos, falando do homem como um filho de Deus e, no dia seguinte, esse homem, Cláudio, deu liberdade a cento e dezessete escravos. Jesus foi jantar com um médico grego, e disse-lhe que os seus pacientes, além de terem mentes, tinham almas bem como corpos; e assim, ele conduziu esse competente doutor a conseguir ajudar mais abertamente aos seus semelhantes. Ele conversou com todas as espécies de pessoas, em todos os caminhos da vida. O único lugar em Roma que ele não visitou foi o banho público. Ele recusou-se a acompanhar os seus amigos aos banhos, por causa da promiscuidade sexual ali predominante.

Para um soldado romano, enquanto caminhavam ao longo do Rio Tibre, ele disse: “Que o teu coração seja tão valente quanto o teu punho. Ousa fazer justiça e ser grande o suficiente para demonstrar misericórdia. Obriga a tua natureza mais baixa a obedecer a tua natureza mais elevada, como tu obedeces aos teus superiores. Reverencia a bondade e exalta a verdade. Escolhe o belo no lugar do feio. Ama os teus semelhantes e busca a Deus com plenitude de coração, pois Deus é o teu Pai no céu”.

Ao orador no fórum, Jesus disse: “A tua eloquência é aprazível, a tua lógica é admirável, a tua voz é agradável, mas o teu ensinamento dificilmente é verdadeiro. Se tu pudesses apenas gozar da satisfação inspiradora de conhecer a Deus, como o teu Pai espiritual, então tu poderias empregar os teus poderes de oratória para libertar os teus semelhantes da sujeição às trevas e da escravidão da ignorância”. E esse foi o mesmo Marcos que ouviu Pedro pregando em Roma e tornou-se o seu sucessor. Quando eles crucificaram Simão Pedro, foi este homem que desafiou os perseguidores romanos e que corajosamente continuou a pregar o novo evangelho.

---

Pág. 1462

---

Tendo conhecido um homem pobre que tinha sido falsamente acusado, Jesus foi, com ele, perante o magistrado e, tendo recebido permissão especial para falar em nome dele, fez aquele soberbo discurso em meio ao qual ele disse: “A justiça faz grande uma nação, e quanto maior é uma nação tanto mais solícita será para cuidar de que a injustiça não ocorra, até mesmo ao seu mais humilde cidadão. Infeliz de qualquer nação, quando apenas aqueles que possuem dinheiro e influência possam assegurar-se da pronta justiça perante as suas cortes! É dever sagrado de um magistrado absolver o inocente, bem como punir o culpado. A permanência de uma nação depende da imparcialidade, da justiça e da integridade das suas cortes. O governo civil funda-se na justiça, como a verdadeira religião funda-se na misericórdia”. O juiz reabriu o caso e, quando foram apuradas as evidências, libertou o prisioneiro. De todas as atividades de Jesus, durante esses dias de ministração pessoal, nessa ele chegou a estar o mais próximo de uma intervenção pública.

## **5. ACONSELHANDO O HOMEM RICO**

Um certo homem rico, um cidadão romano estóico, tornou-se bastante interessado nos ensinamentos de Jesus, tendo sido apresentado por Angamon. Depois de muitas conversas pessoais, esse cidadão abastado perguntou a Jesus o que ele faria com a riqueza se ele a tivesse, e Jesus respondeu-lhe: “Eu consagraria a riqueza material à elevação da vida material, como também ministraria conhecimentos, sabedoria e serviço espiritual para o enriquecimento da vida intelectual, para o enobrecimento da vida social e o avanço da vida espiritual. Eu administraria a riqueza material como um depositário sábio e eficaz dos

recursos de uma geração e para o benefício e enobrecimento das gerações próximas e subseqüentes”.

O homem rico, contudo, não ficou totalmente satisfeito com a resposta de Jesus. Ele ousou perguntar de novo: “Mas o que tu pensas que um homem, na minha posição, deveria fazer com a sua riqueza? Deveria eu mantê-la ou distribuí-la?” E quando Jesus percebeu que ele realmente desejava saber mais da verdade sobre a sua lealdade a Deus e o seu dever para com os homens, desenvolveu a sua resposta: “Meu bom amigo, percebo que és um buscador sincero da sabedoria e um amante honesto da verdade; estou, portanto, disposto a colocar diante de ti a minha visão da solução dos teus problemas, no que eles têm a ver com as responsabilidades da riqueza. Faço isso porque *pediste* pelo meu conselho e, ao dar-te esse conselho, não me ocupo da riqueza de nenhum outro homem rico; estou oferecendo conselho apenas a ti e para a tua orientação pessoal. Se tu desejas honestamente considerar a tua fortuna como uma responsabilidade, se tu queres transformar-te em um administrador sábio e eficiente dos teus bens acumulados, então eu te aconselharia a fazer a seguinte análise das fontes das tuas riquezas: perguntes a ti próprio, e faças o melhor para encontrar a resposta honesta, de onde veio essa riqueza? E, como ajuda no estudo das fontes da tua grande fortuna, eu sugeriria que tivesses em mente os dez métodos diferentes de acumular a riqueza material:

- “1. A riqueza herdada – as riquezas que se originam de pais e de outros ancestrais.
- “2. A riqueza descoberta – as riquezas que vieram dos recursos não cultivados da mãe terra.
- “3. A riqueza do comércio – as riquezas obtidas pelo lucro justo na troca e no intercâmbio de bens materiais.
- “4. A riqueza indevida – as riquezas que se derivaram de uma exploração injusta ou da escravização do semelhante.

---

Pág. 1463

---

- “5. A riqueza dos juros – a renda proveniente das justas e honestas possibilidades de ganho do capital investido.
- “6. A riqueza do gênio – as riquezas providas de recompensas de dons criativos e inventivos da mente humana.
- “7. A riqueza acidental – as riquezas que se derivam da generosidade de um semelhante ou que têm origem nas circunstâncias da vida.

“8. A riqueza roubada – as riquezas asseguradas pela injustiça, a desonestidade, o roubo, ou a fraude.

“9. A riqueza de fundos – as riquezas colocadas nas tuas mãos pelos teus semelhantes para algum uso específico, agora ou no futuro.

“10. A riqueza ganha – as riquezas derivadas diretamente do teu próprio trabalho pessoal, a recompensa justa e honesta dos esforços diários da tua mente e do teu corpo.

“E assim, meu amigo, se tu quiseres ser um administrador fiel e justo da tua grande fortuna, perante Deus e a serviço dos homens, tu deves dividir aproximadamente os teus bens nessas dez grandes divisões e, então, continuar a administrar cada porção de acordo com a interpretação sábia e honesta das leis da justiça, da equidade, da probidade e da verdadeira eficiência; embora, o Deus do céu não irá condenar-te se algumas vezes tu errares, nas situações duvidosas, quanto à consideração da misericórdia e da generosidade para com a infelicidade das vítimas sofridas em circunstâncias desafortunadas da vida mortal. Quando, em dúvida honesta sobre a equidade e a justiça das situações materiais, que as tuas decisões favoreçam aqueles que estão em necessidade, que favoreçam aqueles que sofrem da infelicidade de privações imerecidas”.

Após discutirem sobre essas questões, por várias horas e em resposta ao pedido do homem rico, de uma instrução com mais e maiores detalhes, Jesus passou a ampliar o seu conselho, dizendo em essência: “Ao oferecer-te mais sugestões a respeito da tua atitude para com a riqueza, eu deveria admoestar-te a receber o meu conselho como dado a ti e para a tua orientação pessoal. Falo apenas por mim próprio e para ti, como um amigo que me pergunta. E te convoco a não te transformar em um ditador de como os outros homens ricos devem considerar as suas riquezas. E te aconselharia a:

“1. Como administrador da riqueza herdada tu deverias considerar as suas fontes. Tu estás sob a obrigação moral de representar a geração passada, na transmissão honesta da riqueza legítima às gerações que se sucedem, depois de subtraíres uma taxa justa, em benefício da geração atual. Entretanto, tu não és obrigado a perpetuar nenhuma desonestidade ou injustiça envolvida na acumulação injusta da riqueza, por parte dos teus ancestrais. Qualquer porção da tua riqueza herdada que resulta como tendo provindo de fraude ou de injustiça, tu podes desembolsar de acordo com as tuas convicções de justiça, de generosidade e de restituição. O remanescente da tua legítima riqueza herdada tu podes fazer uso com equidade e transmitir, em segurança, como curador de uma geração para a outra. A discriminação sábia e o julgamento sadio deveriam ditar as tuas decisões quanto ao legado das riquezas para os teus sucessores.

“2. Todo aquele que desfruta da riqueza obtida pela descoberta deveria lembrar-se de que um indivíduo só pode viver na Terra senão por um curto período de tempo e que deveria, por isso, fazer a provisão adequada para o compartilhamento dessas descobertas para o bem

do maior número possível de semelhantes seus. Se bem que ao descobridor não deveria ser negada uma recompensa pelos esforços da descoberta, ele não deveria egoisticamente pretender reclamar exclusividade sobre todas as vantagens e bênçãos derivadas da revelação dos recursos acumulados pela natureza.

---

Pág. 1464

---

“3. Desde que os homens escolham conduzir os negócios por meio do comércio e da troca, eles têm direito a um lucro justo e legítimo. Todo comerciante merece o pagamento pelos seus serviços; o mercador tem direito ao seu salário. A equidade no comércio e um tratamento honesto conferido a um semelhante em negócios organizados do mundo criam muitas espécies diferentes de riquezas de lucros, e todas essas fontes de riquezas devem ser julgadas pelos mais altos princípios da justiça, da honestidade e da equidade. O comerciante honesto não deveria hesitar em ter o mesmo lucro que, com contentamento, ele daria ao seu companheiro comerciante em uma transação semelhante. Ainda que essa espécie de riqueza não seja idêntica à renda individualmente ganha, quando os negócios são conduzidos em uma larga escala, ao mesmo tempo, tais riquezas honestamente acumuladas dotam o seu possuidor de uma equidade considerável no que diz respeito a ter voz quando da sua subsequente redistribuição.

“4. Nenhum mortal que é sabedor de Deus e busca fazer a vontade divina pode rebaixar-se a se engajar nas opressões da riqueza. Nenhum homem nobre esforçar-se-á para ajuntar riquezas e acumular o poder da riqueza feita com a escravidão ou pela exploração injusta dos seus irmãos na carne. As riquezas são uma maldição moral e um estigma espiritual quando são provenientes do suor de homens mortais sob opressão. Toda essa riqueza deveria ser devolvida para aqueles que assim foram roubados ou para os filhos ou netos deles. Uma civilização perdurável não pode ser construída sobre a prática da espoliação do salário do trabalhador.

“5. A riqueza honesta tem direito aos juros. Desde que os homens emprestem e tomem emprestado, aquilo que são os juros justos podem ser recebidos desde que o capital emprestado seja riqueza legítima. Primeiro purifique o seu capital antes de reivindicar os juros. Não seja tão pequeno e ávido a ponto de curvar-se à prática da usura. Nunca permita-se ser tão egoísta a ponto de empregar o poder do dinheiro para ganhar vantagens injustas sobre o teu companheiro que luta. Não cedas à tentação de exigir juros usurários do teu irmão em desespero financeiro.

“6. Se por acaso conseguires a riqueza por meio dos arroubos do gênio, se as tuas riquezas provêm de recompensas de dons inventivos, não reivindiques uma parte injusta como remuneração. O gênio deve um pouco, tanto aos seus ancestrais quanto à sua progênie; do mesmo modo ele deve obrigação à raça, à nação e às circunstâncias das suas descobertas

inventivas; ele deveria também lembrar-se de que foi como um homem entre os homens que ele trabalhou e completou as suas invenções. Seria igualmente injusto privar o gênio de todo o aumento da sua riqueza. E será sempre impossível aos homens estabelecer leis e regras aplicáveis igualmente a todos esses casos de distribuição eqüitativa da riqueza. Tu deves primeiro reconhecer o homem como teu irmão, e, se desejares honestamente fazer por ele como gostarias que ele fizesse por ti, os imperativos comuns da justiça, da honestidade e da probidade te guiarão, no estabelecimento justo e imparcial e na liquidação de todo problema que acontecer de recompensa econômica e justiça social.

“7. Exceto pelas taxas justas e legítimas ganhas na administração, nenhum homem deveria fazer reivindicação pessoal sobre aquela fortuna que o tempo e o acaso fizeram cair nas suas mãos. As riquezas acidentais deveriam ser consideradas um tanto sob a luz de um depósito a ser gasto para o benefício do próprio grupo social ou econômico. Aos possuidores de uma tal fortuna deveria ser consentida a maior voz ativa na determinação da distribuição sábia e efetiva desses recursos pelos quais não trabalharam. O homem civilizado não deverá sempre considerar tudo o que ele controla como sendo posse pessoal e privada sua.

“8. Se alguma parte da tua fortuna é consabidamente proveniente da fraude; se algo da tua riqueza foi acumulado por práticas desonestas ou métodos injustos; se as tuas riquezas são o produto de negociações injustas com os seus semelhantes, apressa-te a restituir todos esses ganhos obtidos de modo desonesto aos seus devidos proprietários. Faça correções completas e assim purifique a tua fortuna de todas as riquezas desonestas.

“9. A gestão da riqueza que uma pessoa faz, para o benefício de outrem, é uma responsabilidade solene e sagrada. Não coloque em risco nem em perigo essa gestão. Extraia para ti próprio, ao gerir qualquer desses bens, apenas aquilo que todos os homens honestos permitiriam.

“10. Aquela parte da tua fortuna que representa os ganhos dos teus próprios esforços mentais e físicos – se o teu trabalho tem sido feito com justiça e eqüidade – verdadeiramente te pertence. Nenhum homem pode impugnar o teu direito de manter e usar tal riqueza da forma como tu julgares adequada, desde que o teu exercício desse direito não cause dano aos teus semelhantes”.

Quando Jesus tinha terminado de dar-lhe os conselhos, esse abastado romano levantou-se do seu sofá e, despedindo-se por aquela noite, fez a si próprio a promessa: “Meu bom amigo, percebo que és um homem de grande sabedoria e bondade, e amanhã eu começarei a administração de todos os meus bens conforme o teu conselho”.

## **6. A MINISTRAÇÃO SOCIAL**

Em Roma também aconteceu aquele acidente comovente em que o Criador de um universo passou várias horas devolvendo uma criança perdida à sua mãe ansiosa. Esse pequeno menino havia-se afastado da sua casa, e Jesus encontrou-o chorando em desespero. Ele e Ganid estavam a caminho das bibliotecas, mas dedicaram-se a levar o menino de volta para casa. Ganid nunca se esqueceu do comentário de Jesus: “Tu sabes, Ganid, a maioria dos seres humanos são como esse menino perdido. Eles passam grande parte do seu tempo chorando de medo e sofrendo na tristeza quando, na verdade, eles estão a uma curta distância da salvação e da segurança, a uma curta distância de casa, como estava esse menino. E todos aqueles que sabem o caminho da verdade e gozam da segurança de conhecer a Deus deveriam considerar um privilégio, não um dever, poder oferecer orientação aos seus semelhantes, nos esforços que eles fazem para encontrar as satisfações da vida. Pois não sentimos nós uma alegria suprema nesse serviço de devolver a criança à sua mãe? Assim, aqueles que conduzem os homens a Deus, experimentaram a satisfação suprema de servir aos homens”. E, daquele dia em diante, pelo resto da sua vida natural, Ganid permaneceu continuamente na busca de crianças perdidas a quem ele pudesse devolver às suas casas.

Havia a viúva com cinco filhos, cujo marido tinha sido morto acidentalmente. Jesus contou a Ganid sobre a perda do seu próprio pai, por um acidente, e eles foram repetidamente confortar a essa mãe e os seus filhos, e Ganid solicitou dinheiro a seu pai para dar-lhe comida e roupas. Eles não descansaram nos seus esforços enquanto não encontraram um trabalho para o menino mais velho, de modo que ele pudesse ajudar a cuidar da família.

Naquela noite, Gonod escutou a narrativa dessas experiências e disse a Jesus, com bonomia: “Eu proponho fazer do meu filho um homem de conhecimento ou um homem de negócios, e agora tu comesças a fazer dele um filósofo ou um filantropo”. E Jesus sorridente respondeu: “Talvez nós façamos dele todos os quatro; e então ele poderá desfrutar de uma satisfação quadruplicada na vida, pois o seu ouvido para o reconhecimento da melodia humana será capaz de reconhecer quatro tons em vez de um”. E então Gonod disse: “Percebo

---

Pág. 1465

---

que tu és realmente um filósofo. Tu deves escrever um livro para as gerações futuras”. E Jesus replicou: “Não um livro – a minha missão é viver uma vida nesta geração e para todas as gerações. Eu...” Mas parou, dizendo a Ganid: “Meu filho, é hora de recolhermo-nos”.

## **7. AS VIAGENS PARA FORA DE ROMA**

Jesus, Gonod, e Ganid fizeram cinco viagens para fora de Roma, até pontos de interesse, em territórios vizinhos. Na sua visita aos lagos italianos, ao norte, Jesus teve a longa

conversa com Ganid a respeito da impossibilidade de ensinar a um homem sobre Deus, se o homem não deseja saber de Deus. Eles tinham encontrado casualmente um pagão irrefletido durante essa viagem aos lagos, e Ganid ficou surpreso de que Jesus não seguiu a sua prática usual de atrair o homem para uma conversa que naturalmente conduziria ao discorrer sobre as questões espirituais. Quando Ganid perguntou ao seu Mestre por que ele demonstrara tão pouco interesse nesse pagão, Jesus respondeu:

“Ganid, o homem não estava com fome da verdade. Ele não estava descontente consigo próprio. Ele não estava pronto para pedir ajuda, e os olhos da sua mente não estavam abertos para receber luz para a sua alma. Aquele homem não estava maduro para a colheita da salvação; deve ser-lhe dado mais tempo para que as provações e as dificuldades da vida preparem-no para receber a sabedoria e o conhecimento superior. Ou, se pudéssemos tê-lo vivendo conosco, poderíamos, através das nossas vidas, mostrar a ele o Pai no céu, e assim ele ficaria tão atraído pelas nossas vidas, como filhos de Deus, que seria forçado a indagar sobre o nosso Pai. Tu não podes revelar Deus àqueles que não O procuram; tu não podes conduzir almas relutantes às alegrias da salvação. É preciso que as experiências da vida proporcionem ao homem que ele tenha a fome da verdade; ou ele deve estar desejando já conhecer a Deus, em resultado do contato com as vidas daqueles que conhecem o Pai divino, antes que outro homem chegue a poder ser útil em conduzir esse semelhante mortal ao Pai no céu. Se conhecermos a Deus, o nosso trabalho real na Terra é viver de um modo tal que permita ao Pai revelar-se nas nossas vidas a fim de que, assim, todas as pessoas que buscam a Deus vejam o Pai e peçam a nossa ajuda para melhor conhecerem sobre o Deus que, dessa maneira, se expressa nas nossas vidas”.

Foi na visita à Suíça, subindo as montanhas, que Jesus teve uma conversa durante todo o dia com o pai e o filho sobre o budismo. Muitas vezes Ganid tinha feito perguntas diretas a Jesus sobre Buda, mas tinha sempre recebido respostas evasivas de um certo modo. Agora, na presença do filho, o pai fez a Jesus uma pergunta direta sobre Buda, e recebeu uma resposta direta. Disse Gonod: “Eu gostaria realmente de saber o que tu pensas de Buda”. E Jesus respondeu:

“O vosso Buda foi muito melhor do que é o vosso budismo. Buda foi um grande homem e, mesmo um profeta, para o seu povo; mas ele foi um profeta órfão. Com isso eu quero dizer que ele perdeu de vista, muito cedo, o seu Pai espiritual, o Pai no céu. A experiência dele foi trágica. Ele tentou viver e ensinar como um mensageiro de Deus, mas sem Deus. Buda guiou a sua nave da salvação diretamente até o porto da salvação, até a entrada do ancoradouro da salvação, para os mortais e, por causa de planos errados de navegação, a boa nave ficou encalhada à deriva. E lá tem permanecido durante muitas gerações, imóvel e quase que desesperadamente encalhada. E, muitos entre os do vosso povo têm permanecido, assim, durante todos esses anos. Eles vivem a uma curta distância das águas seguras do repouso, mas recusam-se a entrar porque a nobre embarcação do bom Buda teve a má sorte de encalhar no fundo, do lado de fora do porto. E

o povo budista nunca irá entrar nesse porto, a menos que abandone filosoficamente a embarcação do seu profeta e que se apodere do seu nobre espírito. Tivesse o vosso povo permanecido fiel ao espírito de Buda, e vós teríeis já há muito entrado no vosso porto de tranqüilidade espiritual, de descanso da alma e de segurança de salvação.

“Tu vês, Gonod, Buda conhecia Deus em espírito, mas claramente não teve êxito em descobri-lo na mente; os judeus descobriram Deus na mente mas não tiveram êxito em conhecê-lo em espírito. Hoje, os budistas debatem-se em uma filosofia sem Deus, enquanto o meu povo está deploravelmente escravizado ao medo de um Deus, sem uma filosofia salvadora de vida e de liberdade. Vós tendes uma filosofia sem um Deus; os judeus têm um Deus mas estão primariamente sem uma filosofia de vida ligada a esse Deus. Buda, por não ter tido êxito em uma visão de Deus, como espírito e como Pai, não teve êxito ao prover o seu ensinamento com a energia moral e com o poder espiritual impulsor que uma religião deve possuir se quiser mudar uma raça e elevar uma nação”.

E então exclamou Ganid: “Mestre, façamos tu e eu uma nova religião que seja boa o suficiente para a Índia e grande o bastante para Roma e, talvez possamos levá-la até os judeus em troca de Yavé”. E Jesus retorquiu: “Ganid, as religiões não são criadas assim. As religiões dos homens levam grandes períodos de tempo para crescer, enquanto as revelações de Deus reluzem sobre a Terra, nas vidas dos homens que revelam a Deus para os seus semelhantes”. Mas eles não compreenderam o significado dessas palavras proféticas.

Naquela noite depois que se recolheram, Ganid não podia dormir. Ele conversou durante um longo tempo com o seu pai e finalmente disse: “Sabes, pai, algumas vezes eu penso que Joshua é um profeta”. E o seu pai respondeu, sonolento: “Meu filho, há outros...”

Desde esse dia, pelo resto da sua vida natural, Ganid continuou a desenvolver uma religião dele próprio. Ele estava persuadido fortemente, na sua própria mente, pela grandeza de Jesus, pela sua equidade e tolerância. Em todas as conversas que tivera com Jesus, sobre a filosofia e a religião, esse jovem nunca experimentou ressentimentos nem reações de antagonismos.

Que cena para as inteligências celestes contemplarem, esse espetáculo do jovem indiano propondo, ao Criador de um universo, que eles elaborassem uma nova religião! E, embora o jovem não o soubesse, eles estavam fazendo uma nova e eterna religião, exatamente ali e naquele momento – um novo caminho de salvação: a revelação de Deus ao homem feita por Jesus, e em Jesus. Aquilo que o jovem mais queria fazer ele estava, inconscientemente, realizando de fato. E assim foi, e é, sempre. Tudo aquilo que a imaginação humana,

iluminada, bem refletida e conduzida pelo ensinamento espiritual, está na busca de fazer, de todo o coração e sem egoísmos, e de ser, torna-se comensuravelmente criativo de acordo com o nível da dedicação com que o mortal se põe a fazer divinamente a vontade do Pai. Quando o homem entra em comunhão com Deus, grandes feitos podem acontecer e de fato acontecem.